

E a Covid-19 na Comunidade Manzo Ngunzo Kaiango? Um diálogo sobre a rotina, convívio e subsistência com Makota Kidoialê.

And Covid-19 in the Manzo Ngunzo Kaiango Community? A dialogue on routine, living and subsistence with Makota Kidoialê.

Y Covid-19 em la Comunidad Manzo Ngunzo Kaiango? Un diálogo sobre la rutina, la vida y la subsistencia con Makota Kidoialê.

Aisha – A. L. Diéne¹

Recebido em: 04/05/2021

Aceito em: 08/11/2021

Resumo

Em meio ao período da pandemia ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2 durante o ano de 2020 no contexto brasileiro, e refletindo sobre as possibilidades de dar continuidade às análises do campo antropológico paralisadas por esse momento atípico, se fez necessário utilizar novos/outros meios e métodos que respeitassem a tradição e as formas de vivência do candomblé, considerando o afastamento físico imposto. Para essas tradições, que se perpetuam e se mantêm através da oralidade, a palavra falada tem *Ngunzo/Axé/Energia* (Diéne, 2020). Assim, compreendendo que o *conhecimento* e a *troca* para os povos de terreiro de candomblé são adquiridos através da vivência, expus à Makota Kidoialê – nossa entrevistada e porta-voz da comunidade remanescente de quilombo *Manzo Ngunzo Kaiango* – a congelante situação a que fomos condicionados e a necessidade de continuar a pesquisa. Então, sugeri-lhe a possibilidade de fazermos algumas entrevistas em formato de perguntas escritas e/ou áudio para o acompanhamento desse período, o que foi gentilmente aceito por ela. A pandemia modificou, entre diversas coisas, a dinâmica no uso coletivo dos espaços,

1. Arquiteta e Urbanista; Mestre em Antropologia Social (PPGAS-UnB); doutoranda em Arquitetura e Urbanismo (PPG-FAU-UnB); pesquisadora no laboratório Matula – Sociabilidades, diferenças e desigualdades; membra do corpo editorial da Revista Calundu e do Grupo de Estudos sobre Religiões Afro-Brasileiras – Calundu (SOL-UnB). E-mail: aisha.diene@gmail.com.

tão intrínseco ao modo de vida desses povos. Diante disso, esse diálogo perspectiva demonstrar que, para além do uso das máscaras, as técnicas de prevenção e de sobrevivência à Covid-19, diante das mudanças na rotina de convívio socioespacial e de dinâmicas ritualísticas e econômicas da comunidade, variam em cada terreiro, pois além da medicina ancestral intrínseca a todos eles, também possuem diversas maneiras de se reinventarem diante das necessidades, adversidades e violências rotineiramente vivenciadas por esses povos. **Palavras-chave: Covid-19; Pandemia; Candomblé; Impactos; Mudanças na rotina.**

Abstract

In the midst of the pandemic period caused by the SARS-CoV-2 virus, during the year 2020 in the Brazilian context and reflecting on the possibilities of giving continuity to the analyses of the anthropological field paralysed by this atypical moment, it became necessary to use new/other means and methods that respected the tradition and the ways of living of candomblé, considering the physical distance imposed. For these traditions, which are perpetuated and maintained through orality, the spoken word has *Ngunzo/Axé*/Energy (Diéne, 2020). Thus, understanding that *knowledge* and *exchange* for candomblé terreiro peoples are acquired through living experience, I exposed to Makota Kidoialê - our interviewee and spokesperson of the remaining *Manzo Ngunzo Kaiango* quilombo community - the freezing situation to which we were conditioned and the need to continue the research. So I suggested to her the possibility of conducting some interviews in the form of written and/or audio questions to follow up on this period, which she kindly accepted. The pandemic changed, among other things, the dynamics of the collective use of spaces, so intrinsic to these peoples' way of life. Therefore, this dialogue aims to demonstrate that, in addition to the use of masks, the techniques of prevention and survival to Covid-19, before the changes in the routine of socio-spatial interaction and the ritualistic and economic dynamics of the community, vary in each terreiro, because in addition to ancestral medicine intrinsic to all of them, they also have several ways to reinvent themselves in the face of the needs, adversities and violence routinely experienced by these peoples.

Keywords: Covid-19; Pandemic; Candomblé; Impacts; Changes in routine.

Resumen

En pleno período de pandemia provocada por el virus SARS-CoV-2, durante el año 2020 en el contexto brasileño y reflexionando sobre las posibilidades de dar continuidad a los análisis del campo antropológico paralizado por este momento atípico, se hizo necesario utilizar nuevos/otros medios y métodos que respetaran la tradición y las formas de vivir del candomblé, considerando la distancia física impuesta. Para estas tradiciones, que se perpetúan y mantienen a través de la oralidad, la palabra hablada tiene Ngunzo/Axé/Energía (Diéne, 2020). Así, entendiendo que el *conocimiento* y el *intercambio* para los pueblos terreiros del candomblé se adquieren a través de la experiencia vivida, expuse a Makota Kidoialê - nuestro entrevistado y portavoz de la restante comunidad del quilombo *Manzo Ngunzo Kaiango* - la situación de congelación a la que estábamos condicionados y la necesidad de continuar la investigación. Así que le sugerí la posibilidad de realizar algunas entrevistas en forma de preguntas escritas y/o de audio para hacer un seguimiento de este periodo, lo que aceptó amablemente. La pandemia cambió, entre otras cosas, la dinámica del uso colectivo de los espacios, tan intrínseca al modo de vida de estos pueblos. Por lo tanto, este diálogo pretende demostrar que, además del uso de las máscaras, las técnicas de prevención y supervivencia a Covid-19, ante los cambios en la rutina de la convivencia socio-espacial y dinámicas ritualistas y económicas de la comunidad, varían en cada terreiro, pues además de la medicina ancestral intrínseca a todos ellos, también tienen varias formas de reinventarse ante las necesidades, adversidades y violencias vividas habitualmente por estos pueblos.

Palabras clave: Covid-19; Pandemia; Candomblé; Impactos; Cambios en la rutina.



Fonte: arquivo autoral.

Para além das máscaras, o fortalecimento do corpo e da cabeça vem antes da saúde coletiva. Nessa perspectiva, o coletivo é uma consequência do individual, logo, a saúde também! (DIÉNE; AHUALLI, 2020).

1. Cosmografando

Pensar o espaço de terreiro de candomblé inicialmente perpassa pelo entendimento de estruturação socioespacial desse território (DIÉNE, 2021), que surge como modo de defesa, resistência e memória, perspectivando ser a ressignificação de família e tudo aquilo que esse espaço de defesa conseguiu preservar da cultura de homens e mulheres africanos/as no Brasil. A maneira pela qual esses grupos étnicos se agregaram e se identificaram perpassou principalmente pelo reconhecimento de suas línguas, permanecendo até os dias atuais como critério estabelecido nas nações de candomblé¹ (SERRA, 1995). Essa lógica pode ser percebida através

dos termos religiosos, das terminologias designadas às roupas, aos deuses, aos alimentos, na lógica ritualística e demais características identitárias do grupo (LODY, 1987).

Essa família reconstituída na Diáspora através do candomblé tem um forte e elaborado parentesco com bases afro-caribenhas (SEGATO, 2005), categorizado hierarquicamente através da iniciação religiosa² e resguardado como critério fundante para introdução na genealogia litúrgica. É inegável a atuação das mulheres de santo na materialização e espacialização dessa cosmogonia – os terreiros de candomblé - no território brasileiro até os dias de hoje. A exemplo dessa territorialização familiar relacionada ao parentesco consanguíneo está o território aqui apresentado, liderado por uma matriarca e mãe-de-santo, em que quase todos seus filhos, netos e bisnetos consanguíneos identificados são, no status do parentesco de santo, cargos³ ou mais velhos. Makota Cássia e Mãe Joana ou Seciluanda são duas dessas pessoas que, com a mãe, cuidam e compartilham decisões sobre o futuro da comunidade de terreiro no santo e junto às questões demandadas pelo Estado, como a questão fundiária. Porém, a análise e posteriores discussões acerca da formação a partir desse recorte de gênero fica para possíveis artigos a serem publicados posteriormente.

Esse espaço-físico no espaço de tempo historiográfico se define e se delimita a partir da construção parental e do esforço coletivo que: ocupa, usa, sobrevive e compõe cada indivíduo dessa coletividade. Nos terreiros de candomblé, esse fenômeno parental é também exercido com a territorialidade através do Axé⁴, que se “planta” e se consagra, articulando-se a mais uma instância de pertencimento, de modo que, segundo Ordep Serra (2000), esse vínculo estabelecido manifesta que:

[...] a relação com a terra é uma questão decisiva para o pensamento místico do Candomblé, e a natureza de seus estabelecimentos sacros o reflete. Pois aí o templo é pensado, literalmente, como uma implantação: o axé que une uma comunidade é ‘plantado’ e lhe dá raízes vitais no mundo [...]; assim o terreiro, como significativamente se chama esse tipo de templo, busca efetivar no espaço (no seu tratamento simbólico e político) a inscrição do vínculo sagrado que identifica o grupo (SERRA, 2000 *apud* ARRUTI, 2002:61).

Esse entendimento cosmográfico, a respeito da relação de pertencimento com o território ser associado aos diversos aspectos constitutivos da identidade coletiva, ilustra a complexidade e a necessidade de estender o entendimento do território para além da noção funcional da ocupação. É necessário considerar também as relações criadas através dos vínculos afetivos estabelecidos com a história de ocupação/formação e as diversas maneiras de defesas articuladas para a sobrevivência coletiva, alicerçadas nos “saberes ambientais, ideologias e identidades – coletivamente criados e historicamente situados – que um grupo social utiliza para estabelecer e manter seu território” (Little, 2003:254).

À vista disso e do momento pandêmico ocasionado pelo vírus SARS-CoV-2 que transpassa esse texto, considerando o *lockdown* estabelecido para cada cidade do território brasileiro, a comunidade sofreu esses impactos diretamente na logística financeira e ritualística. Essa necessidade de paralisar as atividades por conta da utilização coletiva dos espaços internos, a fim de impedir a circulação e maior disseminação do vírus, adiou os atendimentos aos visitantes – geradores de considerável renda para a comunidade. A higiene para o povo de santo é algo anterior à pandemia e

intrínseco à sua ritualística – a sujeira dos sapatos ao se entrar nas casas de santo, por exemplo, é preferível que se deixe na porta. Porém, durante o corrido período, a higiene e a preocupação sanitária se intensificaram com a introdução do uso da máscara e do álcool em gel.

Considerando também os aspectos de convívio coletivo e de que a construção energética coletiva se dá principalmente a partir do corpo *presente* – entendido aqui como elemento principal que propulsiona o conhecimento pela oralidade a partir da vivência – e buscando novas/outras metodologias de conhecimento, a seguinte entrevista realizada e concedida gentilmente pela porta-voz e líder comunitária da comunidade remanescente de quilombo *Manzo Ngunzo Kaiango*, Makota Cássia Kidoiale, compartilha um pouco desse momento vivido por seu território, localizado no município de Santa Luzia nos arredores da cidade de Belo Horizonte/MG⁵. Apesar do cuidado e da prevenção de acordo com a medicina tradicional de terreiro, ela me responde acerca de alguns questionamentos e reflexões a respeito da mudança imposta e ocasionada por esse evento pandêmico na rotina de convívio social, ritualístico e econômico da comunidade.

2. Palavra escrita não é palavra falada.

Na “lógica” das religiões afro-brasileiras, a palavra falada é considerada uma importante fonte de axé (força vital) e veículo do poder sagrado. Falar é um ato mágico que impregna por contaminação simbólica o sujeito da fala e seu ouvinte. Na transmissão do conhecimento litúrgico, o que dizer, quando, como e para quem são instâncias determinadas pela hierarquia religiosa. [...] Porque, nessas religiões, o processo de obtenção de conhecimento rara-

mente se faz através de uma dinâmica de perguntas e respostas. Perguntar é uma quebra de regra do silêncio e do respeito, pois acredita-se que o conhecimento deva ser transmitido de acordo com os méritos de cada um e em função do tempo de iniciação. Nesse ambiente aprende-se observando sem questionar ou demonstrar uma excessiva curiosidade (SILVA, 2015: 44).

Para o “povo do santo” (LODY, 2006), a informação e o aprendizado são adquiridos através da vivência. Costuma-se dizer nesses grupos que: “Não se fala candomblé, se vive!”.

Embora nas religiões afro-brasileiras a entrevista não seja uma forma de transmissão de conhecimento ou de diálogo valorizada pelo grupo, há um certo consenso de que o ato de dar entrevistas ou ser pesquisado pode ser considerado como um reconhecimento público do “valor” do entrevistado por parte do entrevistador e pela instituição que ele representa (a academia ou os meios de comunicação) (SILVA, 2015:52).

Como pesquisadora e pertencente à comunidade tradicional de terreiro, pesquisei ao longo do mestrado acadêmico a comunidade remanescente de quilombo do Manzo, na região metropolitana de Belo Horizonte/MG. Protagonistas de um longo processo de reconhecimento enquanto comunidade remanescente de quilombo - no que transpassa pela redefinição histórica do termo-conceito em contraposição ao antigo conceito “frigorificado” e engessado pela cultura e estrutura soci(coloni)al⁶ (ALMEIDA, 2002) -, a comunidade desenvolve atividades religiosas desde a década de 1970, as quais aconteceram até o ano de 2011 em sua

antiga localização no bairro de Santa Efigênia na cidade de Belo Horizonte. Hoje, o local está ocupado somente com as atividades culturais do Centro Cultural Manzo, pois após vivenciar um doloroso período de racismo religioso, a comunidade que morava nesse local, onde também aconteciam as atividades religiosas, foi despejada e realocada para um abrigo, sob a alegação de *risco de desabamento*. Posteriormente, após um incansável processo para reverter a situação, embora tenha havido a reconstrução de alguns espaços demolidos, o local, que antes era ocupado com as atividades religiosas, passou a desenvolver somente atividades culturais e assim se estruturou como a sede do Centro Cultural Manzo, transferindo as atividades religiosas para o território atual no município vizinho de Santa Luzia.

Fotografia 1 - Fotografia em colagem - Detalhe da cobertura do Barracão, marcante espaço do terreiro.



Fonte: Arquivo Autoral

Diante do período da pandemia, no ano de 2020, percebo que, para continuar acompanhando a rotina do Manzo a fim de dar continuidade às análises do campo antropológico e saber como todos estavam se protegendo ao longo desse período atípico, foi necessário pensar em novos/outros meios que não fossem invasivos e que respeitassem a tradição epistemológica, considerando o afastamento físico que o momento impôs. Vale ressaltar que, para essas tradições que se perpetuam até os tempos atuais através da prática da oralidade, a palavra *Azuelada/falada* tem *Ngunzo/Axé/Energia*. Nesse sentido, Luis Rufino (2019), em *Pedagogia das encruzilhadas Exu como educação*, nos descreve a palavra como:

[...] um ato de responsabilidade, já que, nos é concedida a partir da ação de Exu. Assim, a palavra deve estar comprometida com uma ética, pois, se usada de forma indevida, o seu poder comunicável pode gerar equívocos, confusões e turbulências. Como nos versa uma das máximas dos terreiros: Exu coloca e tira palavras da boca. Esse colocar e tirar refere-se às dinâmicas mobilizadas pelo poder de Exu. As palavras trocadas de boca em boca ou as narrativas não verbais, pontes de comunicação, são operadas sob a lógica das trocas, que são sempre mediadas pela intervenção de Exu. (RUFINO, 2019:286).

Posto isso, desenho o diálogo com Makota Cássia Kidoialê - porta-voz da comunidade na sociedade civil e filha consanguínea da matriarca e Mãe-de-santo do grupo religioso. Trocamos algumas conversas durante o período de quarentena imposto em todo o território nacional brasileiro, de acordo com a política de cada estado e município. Em uma dessas trocas via aplicativo de con-

versa, Makota compartilhou seu relato e chamou minha atenção para atentar, refletir, respirar e continuar resistindo nesta distopia. **M.K.:** *(Palavras escritas)* “Já tenho muito Tempo que não escrevo. Hoje resolvi escrever um dos meus pensamentos. Esse isolamento está me deixando exausta de pensar: penso no presente e de quanto o futuro se distancia. Me esqueço do dia e das horas; não acho intervalos de refeições, talvez por isso como descompassadamente; como sem pensar, como sem parar, para não sentir o tempo parado. Hoje me peguei no susto, e dei um beliscão em mim mesma, para ver se estou sentindo o sentido do meu corpo; minha mente me devora, como eu devoro o tempo. Lembrei de perguntas importantes que eu já não tenho tempo para fazê-las aos meus mais próximos amigos; como pergunto sempre ao Carlos pela Dandara ou pergunto a Jair sobre nossos sonhos e sobre os termos acadêmicos; tenho Fernanda que sem hora certa perguntava sobre projetos, e o Luiz sobre inteligência virtual, a Sueli Mupanji sobre cuidados; minhas perguntas se distanciaram; a pergunta mais comum diariamente é sobre a fome, que eu devoro, e que devora os meus. O tempo virou, e nós sempre cantávamos: ‘Se esse Tempo virá /Se esse Tempo vira/meu Deus do Céu / Eu não sei o que será’. E tudo se virou: as palhas foram descobertas, a desigualdade transpareceu e perdemos os movimentos; as chagas vieram nos causando todo tipo de dor; o inimigo somos nós mesmos. Os coros silenciaram! O último toque foi para recolher o último Nkissi. Já não podemos usar nossas mãos para abençoar. Ainda vemos as fumaças do sagrado, mas nem todos podem entrar. É preciso devolver o tempo ao kitembu e tomara que ele nos permita voltar. Que Kitembu nos devolva o tempo, de ontem, de hoje e todo tempo do mundo. Que ele permaneça como o rei de uma grande nação onde todas as vidas vivas vivam em união. Kitembu dia abanganga ntala mio. Elaaaa Tempo!!! Kitembu, quero lhe

pedir um favor: nos dê mais um tempo, e te prometo cuidar do tempo da vida por todo tempo que a vida me permitir.”

Entendendo que o *conhecimento* adquirido pelas análises constatadas em campo, para os povos tradicionais de terreiro, é adquirido através da vivência, expliquei à Makota a congelante situação a que fomos condicionados nesse período de pandemia e a necessidade de continuar a pesquisa. Assim, sugeri-lhe a possibilidade de fazermos a entrevista sobre o referido período em formato de perguntas escritas, ao que ela gentilmente aceitou.

Fotografia 2 - Fotografia Makota Cássia Kidoialê



Fonte: arquivo de campanha da candidata a vereadora pela cidade de Belo Horizonte no ano de 2020

3. Sobre novas rotinas

A entrevista, em formato de perguntas escritas, foi formulada e enviada via e-mail em julho do ano de 2020, com acompanhamento e posterior complementação das questões necessárias pelo aplicativo de conversas *Whatsapp*. No entanto, somente no mês de setembro do mesmo ano, por diversas questões, Makota pôde enviar o documento preenchido. Vale frizar que desde o início do nosso diálogo pontuei que seria uma entrevista que futuramente seria publicada e ela sempre se mostrou ciente e disponível para o diálogo.

Agradei imensamente e percebi, diante daquele processo de retorno dos questionamentos de quase dois meses, que somente seria possível constatar o que se vivia naquele momento pelo grupo após um melhor entendimento sobre o que seria e como se viveria no chamado *lockdown*. Como seria possível descrever um novo modo de vida se cada dia era um novo dia, com a sua dinâmica, cheio de sentimentos, agonias e percepções diferentes do tempo? Nem sempre o tempo do outro é o nosso! (DIÉNE, 2020:76)

Inicialmente, pedi para que se apresentasse e dissesse a sua relação com a comunidade: como você se chama e qual seu vínculo com a comunidade do Manzo?

M.K.: Me chamo Cassia Cristina (Makota Kidoiale)

Prossigo questionando quanto ao efeito desse vírus na comunidade, tendo em vista que as comunidades de terreiro de candomblé estão se cuidando e se prevenindo de acordo com as suas medicinas tradicionais de terreiro. A novidade da pandemia para essas comunidades traz consigo justamente a impossibilidade de aglomerações e atividades coletivas, tão comum à rotina de convívio desse grupo religioso (DIÉNE; AHUALLI, 2020). Assim, pergunto-lhe: como a pandemia da COVID-19 está influenciando a rotina da roça de candomblé? Nas atividades coletivas? Nas fes-

tas? Como estão fazendo para continuar com os cuidados e com os cultos?

M.K.: (Palavras escritas) No início ficamos assustados, suspendemos todas as atividades, porém entendemos que algumas atividades eram possíveis manter, devido às orientações da OMS, era as mesmas que praticamos dentro das tradições, exp: tomar banho sempre que ir à rua, e lavar as mãos constantemente. Também por vivermos de forma mais coletiva, morando várias famílias no mesmo território. Fechamos o terreiro para proteger a matriarca e as crianças, e a partir desse isolamento, começamos a repassar os ensinamentos das tradições do terreiro para ocupar o tempo das crianças, para além de resgatar algumas brincadeiras que era vivenciadas pelos mais velhos.

A dinâmica financeira do Manzo é adquirida em grande parte pelos atendimentos à comunidade externa por meio das consultas ao oráculo - jogo de búzios- e atividades afins. A respeito de como o grupo está se reformulando nesse período, questiono: como os membros estão vivendo essa experiência? Estão sem trabalho? Estão trabalhando em casa ou já voltaram a trabalhar presencialmente? Tiveram acesso ao Auxílio Emergencial?

M.K.: (Palavras escritas) “A medida mais difícil, foi suspender os atendimentos, e consultas. Com isso a produção de renda diminuiu, passamos a depender de doações de parceiros para além do governo durante três meses. Hoje voltamos aos atendimentos de forma reduzida, para nos manter, porque as doações de parceiros reduziram muito. Algumas pessoas não parou de trabalhar, porque aos patrões não aceitou suspendê-los por tempo determinado a quarentena, mas outras não foi possível por ser grupo de risco.”

Mametu Muiandê, a matriarca e Mãe-de-santo, mora em sua própria residência no território com seu esposo e convive di-

retamente com cerca de mais cinco parentes, entre netos, bisnetos, nora e genro, que residem em casas vizinhas dentro do mesmo lote. Então pergunto: como a Mametu Muiandê e os outros com mais de 60 anos da comunidade estão se cuidando? E como a comunidade está atuando, se prevenindo e se cuidando? Quais têm sido os cuidados sanitários no terreiro?

M.K.: (Palavras escritas) “*Mantendo um isolamento dentro do possível, mas essa é a mais desafiadora, muitas mulheres aqui são chefe de famílias*”.

“Começamos a produzir máscaras, e estamos reiventando uma maneira de garantir nosso sustento, plantando verduras, e criando galinhas. Estamos com alguns projetos aprovados em editais, e estamos readequando para que assim alguns produtores culturais possam se manter. A comunidade tem muita criança e jovens, isso se complica um pouco, por não conseguir nenhum emprego, e por estarem circulando muito, quebrando a regra do isolamento”.

4. A natureza como parte do indivíduo

Os terreiros entendem a natureza como parte e extensão de si. O corpo, antes de sua compreensão como um indivíduo, é uma espécie de instrumento que projeta, conecta, manifesta, dialoga e se sincroniza com essa grande teia rizomática⁷, organizadora da vida manifestada pela natureza (DELEUZE; GATTARI, 1995). O entendimento do corpo como parte dessa estrutura – sendo desmembrável ainda em cabeça e corpo –, de modo que seu equilíbrio se dá a partir da relação matéria, indivíduo e o fenômeno religioso intrínseco a essa relação, é descrito por Luiz Rufino e Luiz Antônio Simas no livro *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas* como: “O corpo é o primeiro registro de ser no mundo, é o elemento que versa acerca das presenças e reivindicações de si, é o que nos possibilita problematizar a natureza radi-

cal do ser e as suas práticas de invenção.” (2019:53).

No que diz respeito à interação social para os membros de terreiro de candomblé, a questão do privar-se do convívio social não é novidade, tampouco o é o isolamento social, considerando que, na lógica ritualística da cosmologia do candomblé, diversos ritos exigem dos seus adeptos períodos de reclusão e consequente isolamento e distanciamento social. De todo modo, este não está sendo um problema, pois, nessa ontologia, em que o corpo exerce, de certa forma, a autônoma relação da ancestralidade com a natureza, o entendimento da cura também é transcendente. Para além do uso das máscaras, as técnicas de prevenção à Covid-19 variam em cada terreiro, onde, além da medicina tradicional intrínseca a todos eles, também são utilizados como métodos preventivos os elementos da farmacopeia vegetal. Entendendo que a busca inicial é do aumento da imunidade dos membros da comunidade, faz-se necessário utilizar do conhecimento das folhas, em conjunto com os segredos guardados pela ancestralidade, a fim de aumentar a imunidade corporal (DIÉNE; AHUALLI, 2020).

Figura 3 - Fotografia em colagem - Sobre dinâmica, trocas e convívio pré pandemia no terreiro



Fonte: arquivo autoral.

5. Impactos socioespacialidades

[...] quando chegou mais ou menos em Agosto, que aí era um momento muito de procura do terrei... do território né, do terreiro, devido ser um mês de Cavungo/Obaluaê então a gente iniciou as atividades e começamos a abrir o terreiro somente para os filhos, alguns filhos da casa e aí a gente começou a fazer então um rodízio pra que a gente pudesse ainda preservar a saúde da Mãe de Santo né, da nossa matriarca. (MAKOTA KIDOIALÊ; Transcrição de áudio).

A pandemia também modificou a dinâmica no uso dos espaços, principalmente no que se refere ao uso coletivo que faz parte do modo de vida dos terreiros de candomblé. Durante o mês de agosto de 2020, conforme Makota Kidoialê me relata via áudio, o Manzo reabriu suas portas aos filhos e filhas da casa e para o breve atendimento de visitantes, ainda que de forma restrita e seguindo todos os protocolos de higiene sanitária exigidas para o momento, e nós conversamos sobre esses impactos na convivência espacial do Manzo. Desse modo, pergunto-lhe: como tem sido a dinâmica das atividades religiosas, das obrigações, dos ritos e festas? Estavam acontecendo somente internamente ou foram abertas ao público?

M.K.: (Áudio transcrito) *“É, até hoje os terreiros, eles não tiveram nenhuma, nenhuma ação aberta ao público. O nosso terreiro não, mas a gente aos poucos, nós estamos agora que tá todo mundo mais consciente da gravidade e da transmissão do vírus e a gente então tá começando, iniciando a abrir os terreiros para que os filhos de santo possa ali fazer suas funções, mas nada que seja aglomeração. A gente criou então um rodízio para que os filhos de santo pudessem ir ao terreiro e à minha mãe, mudamos toda a condição da casa pra que ela voltasse então a atender os clientes, mas de uma forma mantendo o isolamento.”*

Diante da ocasião relatada, prossigo questionando-lhe: quais os cuidados sanitários que foram tomados para que essas pessoas pudessem estar ali interagindo e utilizando os espaços no território de maneira segura para todos?

M.K.: (Áudio transcrito) *“[...] É...a gente já fazia todo esse procedimento de higienização, então não tá sendo muito diferente não, a única diferença é que a gente não tinha tanto contato né, com álcool. Mas aí isso tem sido orientado o tempo todo, quanto ao uso de álcool, quanto ao uso de máscaras, no dia de toque nós*

não damos, mas as pessoas que têm ido, elas têm essa consciência, porque nossa preocupação maior é a mãe, então as pessoas estão conscientes, principalmente o povo de terreiro, tá muito consciente aqui em casa e aí, a gente também têm tentado assim, não estar em outros lugares, pra poder se preservar mesmo no isolamento, pra poder ter, participar das atividades do terreiro. Então a gente se mantém isolado, e no trânsito a gente tem evitado muito pegar ônibus e tem tentado, isso é no dia-a-dia mesmo, a gente tem orientado as pessoas que divida né, se tiver que ir a algum lugar. A maioria está desempregada, a pandemia afetou muito o perfil do público do terreiro que não tem um trabalho, é..um emprego seguro, a maioria trabalham né, pra pequenas empresas ou casas de família e isso afetou demais, então a gente tem orientado assim que quando vai alguém pro terreiro, comunica no grupo e esse alguém vai, as pessoas que têm contato com grupo de risco não estão frequentando o terreiro, mas a gente tem mantido muito uma interação no grupo de Whatsapp. A internet tá sendo assim, uma das ferramentas principais pra gente poder tá sempre mantendo o contato, orientando tomar um banho, orientando acender uma vela, pra pessoa não ficar tão, se sentir tão distanciada das atividades do terreiro.”

A dinâmica no uso dos espaços que constituem o terreiro de candomblé perpassa pela dualidade hierárquica: de ser mais velho ou mais novo na estrutura da família de santo, ser filho/filha da casa ou visitante, estar limpo (ter tomado banho) ou sujo da rua (com a energia da rua), etc. A respeito disso, as Casas de Santo, que são espaços que apresentam a dinâmica de permeabilidade restrita, abrigam os utensílios e símbolos sagrados fundamentais na relação com os deuses e representam, no seu significado e entendimento espacial, um espaço limpo, íntimo e que reflete a relação da pureza energética com as divindades. É comum observar, nos dias

de função, as pessoas tirarem seus sapatos e deixá-los do lado de fora ao adentrarem esse recinto, em reverência e respeito a esse espaço que transcreve a relação do indivíduo com aquela divindade. No intuito de não incorporar ao seu interior a sujeira de fora, esse ato esboça uma tentativa respeitosa de se evitar, no entendimento do simbólico, essa poluição.

Se admitirmos que todos os poderes espirituais fazem parte integrante do sistema social, então exprimem-no e, ao mesmo tempo proporcionam as instituições capazes de o manipular. Em suma, isto quer dizer que o poder no universo vai a reboque da sociedade, pois muitas são as vezes em que se atribui o revés da sorte àqueles que ocupam um dado lugar na hierarquia social. Mas também é preciso levar em conta outros perigos que os indivíduos emanam consciente ou inconscientemente. Que não fazem parte da sua psique e que não são impostos nem ensinados por iniciação nem por nenhuma outra forma de aprendizagem. Trata-se dos poderes da poluição inerentes à própria estrutura das ideias e que sancionam toda a desobediência simbólica à regra segundo a qual estas coisas devem estar reunidas e aquelas separadas. A poluição é, pois, um tipo de perigo que se manifesta com mais probabilidade onde a estrutura, cósmica ou social, estiver claramente definida (DOUGLAS, 2001:85).

A respeito disso, a antropóloga britânica Mary Douglas em *Pureza e Perigo* (2001) entende e compreende a cultura através de um sistema de símbolos e define a poluição na vida em sociedade como um aspecto associado à ordem social através de “cren-

ças-perigo” – considerando que cada cultura possui sua própria noção de impureza – o que implica ser a impureza um tabu definido pela sociedade, da seguinte forma: “O impuro, o poluente, é aquilo que não pode ser incluído se se quiser manter esta ou aquela ordem.” (2001:33).

Assim, finalizo esta inabitual entrevista solicitando à Makota Kidoialê que nos diga através de sua óptica que aprendizados serão levados adiante pela tradição e pela comunidade Manzo: como você acha que esse momento influenciará no futuro dos candomblés? E na comunidade? E, ainda: qual o maior aprendizado que esses tempos têm deixado para você? E para a comunidade do Manzo como um todo?

M.K.: (Palavras escritas) *“Acredito muito nas nossas tradições, somos heranças de um povo que ressignifica seu modo de viver e de cultivar nossos ancestrais, acredito que sairemos mais forte e mais politizado, pelo fato de termos um governo que não respeita as diferenças e não cuida do seu povo. Que nossas tradições sempre esteve a frente da evolução humana, que é preciso retornar as práticas das Matrizes africanas, para vivermos de forma mais coletiva, e menos capitalista. Que os terreiros e a escola que vai reeducar toda a sociedade, se fazendo valer os cuidados da terra como princípio básico para garantir um bem viver”.*

Ntondelê!

Kadamboko.

Notas:

1. A noção de nação apresentada nesta pesquisa tem como objetivo categorizar de forma mais abrangente a referência direta de ancestralidade manifestada nas estruturações socioespaciais dos terreiros de candomblé e não em suas especificidades de culto e rito. Considerando as análises de Ordep Serra (1995), a partir do campo da professora Beatriz Dantas (1988) em terras sergipanas e suas reconsiderações acerca da “pureza Nagô” embasadas nas investigações de Peter Fry, Yvonne Velho e Patrícia Birman, ele salienta que: “O conceito de ‘nação’ tem duplo alcance: indica ao mesmo tempo uma tipologia de ritos e uma origem étnica (dos fundadores do culto); a referência ‘etno-histórica’ pode estar mais acentuada num contexto do que em outro.” (1995:71).

2. Rito de iniciação no candomblé. Após esse rito, o indivíduo iniciado – raspado – passa a compor a estrutura parental da família de santo.

3. Categoria de generalização usada para se referir tanto à Makota quanto à Tata – cargos do gênero masculino não rodantes que exercem funções diversas, entre elas tocar o atabaque.

4. Princípio energético fundador e organizativo dessa cosmologia.

5. ALERTA: Manzo na luta contra o coronavírus. Kilombo Manzo, 2020.

6. Junção das palavras social e colonial em alusão à sociedade com características organizativas, estruturais e legislativas, ainda coloniais.

7. Em alusão a uma estrutura ramificada, de múltiplas possibilidades, rotas, caminhos.

Referências:

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. “Os quilombos e as novas etnias”. In: *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 43-81.

LITTLE, Paul. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. *Anuário Antropológico*, v. 28, n. 1, p. 251-290, 2003.

LODY, Raul Giovanni da Motta. *O povo do santo: religião, história e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos*. Martins Fontes, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, v. 1, 1995 p. 11-37.

DOUGLAS, M. *Purity and Danger: An Analysis of the Concepts of Pollution and Taboo*. London & New York: Taylor & Francis e-Library, 2001.

DIÉNE, Aisha- Angèle Leandro. Arquitetura de terreiro: compreendendo socioespacialidades na comunidade quilombola Manzo Ngunzo Kaiango. 2021. 109 f. *Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)*. Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

DIÉNE, Aisha – A. L. & AHUALLI, Iyaromi F. POR DETRÁS DAS MÁSCARAS: A COVID-19 NA COSMOVISÃO DO CANDOMBLÉ - Reflexões sobre cuidados, métodos preventivos e saúde coletiva, 2021, p.125-135. In: *Covid-19, saúde & interdisciplinaridade: o impacto social que uma crise de saúde pública pode gerar*. Série Estudos Reunidos, Volume 92/ Edlaine Faria de Moura Villela (Org.). -- 1. ed. -- Jundiaí, SP: Paco.

DIÉNE, A.-. A. L. “É minha filha, tudo fui eu quem fiz!”: Reflexões sobre a Arquitetura intuitiva de Mametu Muiandê. *Revista Calundu*, [S. l.], v. 4, n. 1, 2020.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas Exu como Educação. *Revista Exitus*, v. 9, n. 4, p. 262-289, 2019.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Mórula Editorial, 2019.

ALERTA: Manzo na luta contra o Coronavírus. Kilombo Manzo, 2020. Disponível em: <<http://www.kilombomanzo.org/>> Acesso em: 02/11/2020.